

PROJETO DE LEI Nº ¹²⁹ DE 27 DE Fevereiro DE 2024 .



Dispõe sobre o tombamento do povoado de Tupiraçaba como bens de patrimônio cultural, históricos formadores da sociedade brasileira.

A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO GOIÁS, conforme os termos do art. 10, XII da Constituição Estadual, decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Ficam tombados para os efeitos desta lei o conjunto histórico do povoado de Traíras, bem como suas áreas limítrofes, denominado atualmente como “Tupiraçaba”.

Art. 2º Os bens tombados serão reconhecidos como patrimônio histórico e cultural, bem como elementos históricos formadores da sociedade brasileira, conforme Art. 216 da Constituição Federal:

Parágrafo Único. A autoridade competente ficará responsável por:

- I- Garantir a salvaguarda dos bens e de seu entorno;
- II- Sinalização dos bens protegidos e devida iluminação;
- III- Garantir o devido acesso ao público as fontes culturais e históricas.

Art. 3º O órgão competente também fixara além dos critérios citados, as intervenções neles admissíveis, ações cabíveis e todas e demais normas para a plenitude de proteção do povoado como bem histórico e cultural.

Art 4º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.


JULIANO PINA
DEPUTADO ESTADUAL





JUSTIFICATIVA

Venho por meio desta, com o objetivo de tombare o povoado de traíras como conjunto histórico e cultural, hoje conhecido por tupiraçaba, localizado próximo ao município de Niquelândia, no estado de Goiás.

Traíras foi fundada após o declínio da mineração de ouro em Pirenópolis, onde foi um ponto marco na história do garimpo, mineração de ouro, chegando a ser o segundo maior povoado por volta de 1735-1800, estimando cerca de mais de 15 mil garimpeiros;

Durante esta época foram construídas diversas casas, igrejas, comércios e esculturas;

O povoado, após o declínio do garimpo na região, foi visitado até mesmo por D. Pedro II por volta de 1824, casa que hoje persevera em se manter de pé, mesmo na ausência de preservação do bem;

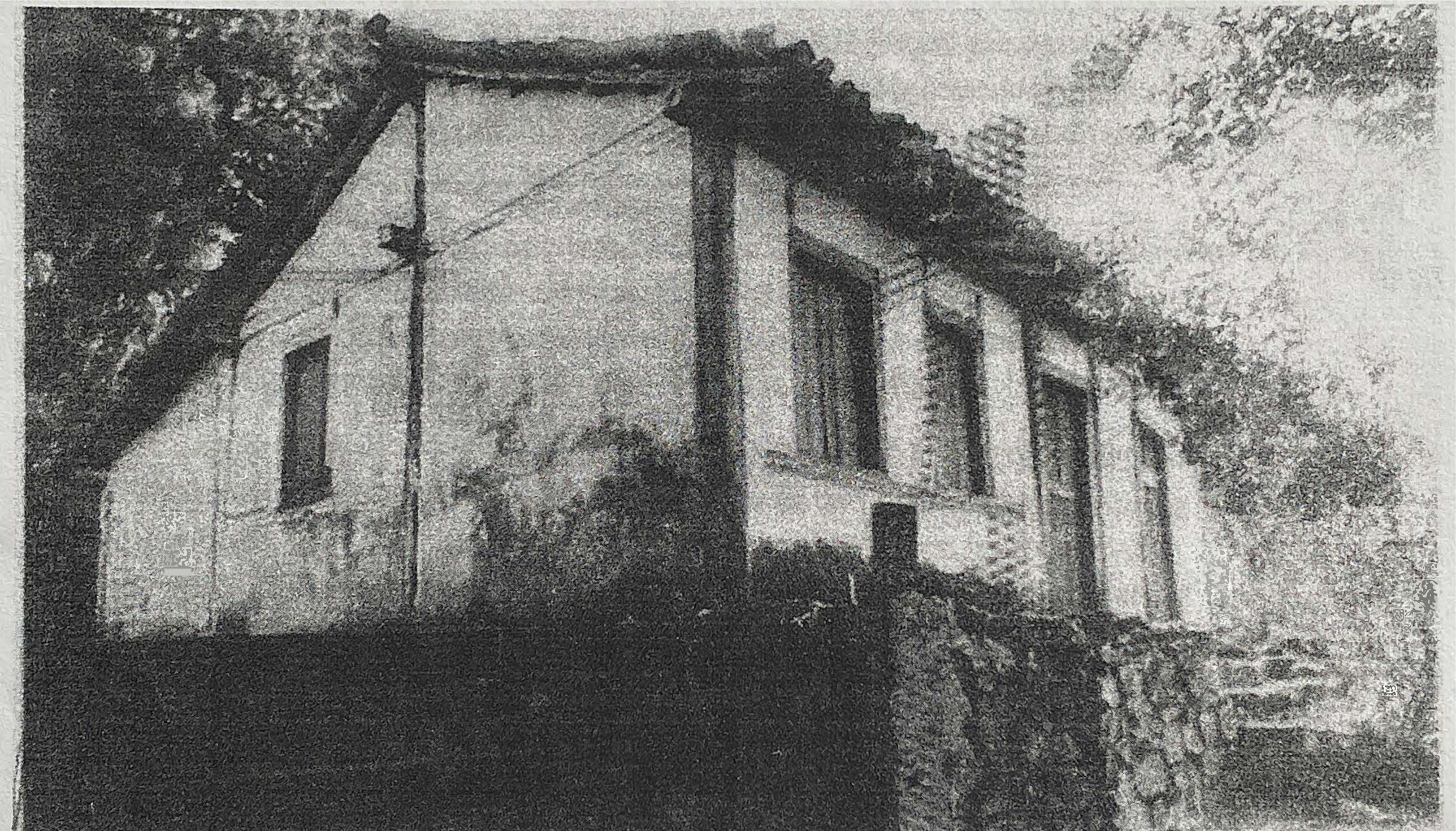
É notório que o povoado foi fonte histórico formadora do Brasil, com grande participação comercial a época, grupos que foram participantes de nossa história e com cultura própria;

Hoje o povoado é fonte histórica destes elementos formadores de nossa trajetória histórica, com pessoas descendentes até mesmo dos próprios bandeirantes, casas, igrejas, cartórios que foram construídas a época se mantem de pé, mesmo com a falta de preservação do local;

Apenas um destes elementos foram preservados, a igreja de nossa senhora do rosário;

Ante ao exposto, venho por meio desta solicitar o tombamento do povoado de "traíras", em razão do conjunto de bens que participaram no constructo de nossa história, povo e cultura, na busca pela preservação histórica de nosso país. Conto assim, com o apoio dos nobres pares com o presente Projeto de Lei, na preservação de nosso patrimônio Histórico que vagarosamente se desfaz no tempo.





Autenticar documento em <https://alegodigital.al.gov.br/autenticidade>
com o identificador 32003100380038003100350033003A005000. Documento assinado digitalmente
conforme art. 4º, II da Lei 14.063/2020.

Traíras: lugar esquecido e em ruínas

Niquelândia é um dos municípios mais antigos do estado de Goiás. Surgiu algum tempo depois da chegada dos bandeirantes portugueses, com a notícia da descoberta do ouro. O povoado foi fundado em 1735 pelos bandeirantes Manoel Rodrigues Tomar e Antônio de Souza Bastos, recebendo o nome de São José do Tocantins. Eles faziam parte do grupo de bandeirantes guiados por Bartolomeu Bueno da Silva. Houve um desentendimento entre eles, que resolveram sair do Arraial de Meia Ponte, onde estavam instalados. Este povoado foi elevado a distrito de Traíras em 1755, e no ano de 1833 foi elevado à categoria de vila e sede do município.

Em 1938, o minerador alemão **Freidmund Brockers** estava garimpando na região e descobriu a 2ª maior jazida de níquel do mundo. Esta descoberta atraiu exploradores do Brasil inteiro, fazendo com que a vila de São José do Tocantins crescesse rapidamente, tanto em população quanto em riqueza. Com este motivo, a vila passou à categoria de cidade, e no dia 31 de dezembro de 1943, a cidade passou a se chamar **Niquelândia, uma homenagem ao minério que lhe deu prosperidade e lhe fez famosa no mundo inteiro.** Hoje possui uma das maiores reservas de níquel do mundo. A primeira rua do povoado foi chamada de Rua Direita

Distrito criado com a denominação de São José do Tocantins, pelo Alvará de 10-01-1755. Elevado à categoria de vila com a denominação de São José do Tocantins, pela Resolução do Conselho do governo, em 01-04-1833, desmembrado do antigo município de Traíras. Sede na vila de São José do Tocantins.

Constituído de 2 distritos: São José do Tocantins e Traíras, criado pela mesma lei acima citado. Instalado em 23-07-1833. No ano de 1911, o município aparece constituído em 3 distritos: São José do Tocantins, Mimoso e Traíras. Em divisa administrativa referente ao ano de 1933, o município aparece constituído em 4 distritos: São José do Tocantins, Mimoso, Traíras e Muquém.

Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-11-1936 e 31-12-1937. Pelo decreto-lei estadual nº 1233, de 31-10-1938, distrito de Mimoso é extinto, sendo seu território anexado ao distrito sede do município de São José do Tocantins. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município aparece constituído de 3 distritos: São José do Tocantins, Muquém e Traíras.

Pelo decreto-lei estadual nº 8305, de 31-12-1943, município de São José do Tocantins passou a denominar-se Niquelândia, o distrito de Traíras a se chamar de Tupiraçaba. Em divisão territorial datada de 01-07-1960, o município é constituído de 3 distritos: Niquelândia ex-São José do Tocantins, Muquém e Tupiraçaba ex-Traíras. Pela lei estadual nº 4, de 06-11-1951, é criado o distrito de Mimoso ex-povoado e anexado ao município de Niquelândia. Pela lei municipal nº 2, de 25-11-1952, é o distrito de



Muquém passou a denominar-se São Luiz do Tocantins. Em divisão territorial datada de 01-07-1955, o município é constituído de 4 territórios: Niquelândia, Mimoso, São Luiz do Tocantins ex-Muquém e Tupiraçaba. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 01-07-1960. Pela lei estadual nº 7196, de 12-11-1968, retificado pela lei estadual nº 8111, de 14-05-1976, é criado o distrito de Vila Taveira e anexado ao município de Niquelândia.

Pela lei estadual nº 8004, de 26-11-1975, retificado pela lei estadual nº 8111, de 14-05-1976, o distrito de Mimoso deixa de permanecer ao município de Niquelândia para ser anexado ao município de Padre Bernardo.

Em divisão territorial datada de 01-06-1979, o município é constituído de 4 distritos: Niquelândia, São Luiz do Tocantins, Tupiraçaba e Vila Taveira.

Em divisão territorial datada de 01-07-1983, o município é constituído de 4 distritos: Niquelândia, São Luiz do Tocantins, Tupiraçaba e Taveira ex-Vila Taveira.

Assim permanecendo como 4 distritos por vários anos, sendo que foi decretado por lei a alteração de São José do Tocantins alterado definitivamente como município de Niquelândia, pelo decreto-lei estadual nº 8305 de 31-10-1938, ficando assim os distritos como povoados pertencentes ao município.

Fatos e relatos populares

Como já mencionamos anteriormente Traíras foi fundada 1735, pelos bandeirantes Manoel Rodrigues Tomar e Antônio Souza Bastos.

Foi durante um século, o segundo centro urbano da Capitania de Goiás. Em 1804 sua população era de 6521 habitantes, considerada significativa para a época. Tendo sido sede originária do Município. Traíras foi também sede da Comarca de São José do Tocantins, chegando a se constituir num dos mais importantes centros de Atividades Judiciárias do estado.

Foi sede do município até 1832, quando passou a distrito do município de São José do Tocantins, hoje Niquelândia. A essa altura, já se esgotavam as reservas de ouro aluvial e o eixo de importância já se deslocava a atual Niquelândia.

Segundo uma tradição coletada por Teófilo Taveira, a decadência final do Traíras deve-se à indicação de um Português analfabeto residente em São José, certo Antônio Pires Bragança, que corrompendo um ouvidor da Comarca do Norte com



No Período Arqueológico

Sabemos que o Planalto Central possui entre 500 à 1700 metros de altura, e que suas rochas básicas sobre os quais estão entre as mais antigas do planeta atingindo perto de quatro bilhões de anos a região de Niquelândia entre dois e meio a quatro bilhões de anos, sabemos que o surgimento do planeta é de quatro bilhões e meio de anos.

Acredita-se que no passado essa região foi um mar interno, depois virou um terrível deserto de areia e possivelmente um ambiente pantanoso coberto de espécies de samambaia de 30 metros de altura em que andavam dominadores de Dinossauros de diversos tipos, alguns carnívoros, outros herbívoros e toda a região cercada de vulcões que possibilitou a formação riquíssima dos principais minérios da região e que toda essa vida antiga foi extinta por um grande meteoro que provocou uma grande noite negra que os extinguiu. A região de Traíras é do período arqueológicos variando entre dois e meio a quatro bilhões de anos. (Bertran, 2002)

Índios de Traíras

O mais incrível é que os primeiros trinta anos de Traíras, não houve nenhum encontro. Referia-se entre índios e colonizadores hostis, na época próxima de 1760 eram índios Canoeiros ou Avás-Canoeiros, que eram conhecidos como o povo invisível e que esses índios eram: cafuzos de cabelos pixaim, mistura de índios Carijós fugidos da bandeira do Anhanguera e depois com africanos dos Quilombos próximos da região de Niquelândia. Possuíam naquela época os índios Avás-Canoeiros que eram Tupis. Os Xavantes e Jês que eram inimigos entre si.



Sabemos que o Homo Cerratensis sofisticado da seguinte tradição (Itaparica), pelos arqueólogos, não está definitivamente provado, mas antecede a língua Jê, especializada no ambiente do Cerrado, eram índios caçadores, exatos e ferocíssimos nos seus ambientes de tacapes e madeira pesada que eram capazes não só de quebrar crânios como quebrar ossos de veado e anta. Descendem desses índios O Tocantins e os Avás-Canoeiros. (Bertran, 2002)

A Busca do Ouro

O período de mineração do ouro em Goiás estendeu-se pelo tempo de um século, como principal atividade econômica e social.

O Arraial de Traíras foi descoberto por Manoel Rodrigues Tomas de 1735. Antônio de Souza Bastos e Silva e Souza dá início a descobertas de ouro em Traíras a qual acabou fundando o Julgado de Traíras.

Souza Bastos foi o primeiro Guarda-Mor repartidor das minas, mas não o seu descobridor. Em 1733 a 1736 a segunda maior e mais rica região aurífera das Minas do Tucantins ou Tocantins. No princípio chamava-se Arraial de Tucantins um governo próprio português em Goiás. Por ironia foi sepultado a igreja de Traíras, a 20 de agosto de 1737.

As Minas do Tucantins "Traíras" foi descoberto no primeiro dia de março de 1735 com chuvas. Por conta de uma carta do arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa, datada de 5 de abril de 1735, escrita pelo padre Manuel Caetano (Bertran, 2002)

Início da Matriz de Traíras

Em 1749 arrecadaram esmolas para construir a primeiríssima e rudimentar Capela de Traíras. Que na época era um cubículo forrado de palhas a que

se apresentaria uma varanda coberta de palhas, depois de ficarem dez anos nesse formato foi feita a planta baixa da Matriz de Traíras em 1751. A planta era:

- 1- Entrada Principal
- 2- Batistério
- 3- Saguão com Porta Transversal
- 4- Dois Púlpitos para pregações à direita e a esquerda
- 5- Altar de São José à esquerda e de Santana à direita
- 6- Balaustrada de Contenção de Público
- 7- Altar de Nossa Senhora do Rosário esquerda
- 8- Altar das Almas direito
- 9- Escadaria do Consistório
- 10- Capela-Mor de Nossa Senhora da Conceição (Bertran, 2002)

Mineração no começo do Traíras

Nos tempos da mineração os métodos e instrumentos eram o “Veio de Água” nas superfícies dos córregos de Traíras. E existiam na época vários métodos e com vários instrumentos de mineração e os mais importantes eram:

- 1- “Bolinete” que consiste com terraceamento desmonte e lavagem de terras minerais, muitas grotas secas arborizadas que hoje consideramos naturais;
- 2- “Fisqueira” mineração mais ou menos aleatória as margens dos córregos com bateias;
- 3- Método de raspagem dos cascalhos do fundo de um rio;
- 4- “Mundéus” paredões de pedra que serviam para recolher a lama da enxurrada que descia os morros auríferos;
- 5- “Talha Cavados” desmonte de pastos inteiros de uma elevação para retirar o cascalho aurífero;
- 6- “Túneis Cavados” na rocha servia a escavação de seguir os filões de ouro montanha adentro em busca do ouro básico e depósito desse mineral que roído pela intempérie produziam o ouro de aluviões que por sua vez as



forças das enxurradas, se depositava no vale das serras e dos córregos hoje intactos os aluviões requerem o trabalho de perfuração e moagem hoje somente grandes e modernas empresas de mineração podem alcançar esses aluviões. (Bertran, 2002)

O custo do ouro em Traíras

Um saco de milho custava dez oitavas de ouro, a saber, trinta e seis gramas de ouro, o incrível é que um ovo custava o mesmo que cinquenta e quatro gramas de ouro.

O feijão era o mais caro de todas as mercadorias o saco de feijão custava o mesmo que 105 gramas de ouro, nas Minas cada escravo em uma semana pagavam em média de 22 gramas de ouro, existem registros que em cinco meses os donos de escravos numa média de 40 conseguiam a soma de 18 quilos de ouro.

Temos relatos que uma pessoa com apenas três escravos apuravam numa semana de dez a quatorze gramas de ouro ou todos trinta gramas de ouro.

Mas eram o Tempo dos primeiros garimpos, riquíssimo de ouro aflorando, somente depois que foram instalado a fazenda na região, e os preços iriam cair como o ouro iria se esgotar cada vez mais rápido.

Um bom Negro apurava no mínimo 14 gramas de ouro por semana. E um fraco Negro de 6 a 10 gramas, ou seja, uma aliança.

Um grande problema que acarretaria a diminuição da apuração do ouro era justamente trazer a água para lavagem do cascalho aurífero, existem sinais de rego de até 30 quilômetros de extensão. (Bertran, 2002)

A sociedade no Tempo de Traíras



As escravos das Minas de Traíras da nação Cabra no litoral da ilha de Cabo Verde no Atlântico Sul. Sua fisionomia era parda, de média estatura, magros de cabelos lisos, notabilizava-se pela fidelidade e inteligência, astucia e pela ferocidade. Já nas classes brancas dominantes e escravocratas possuíam diversas formas, os fundadores Manuel Rodrigues Tomar era português. Em 10 de janeiro de 1755 cria-se um alvará real que diversos Julgados na Capitania de Goiás, entre elas a de Traíras, que se passa a chamar Julgado de Traíras. Nessa época a sociedade de Traíras, que ia do Rio Tocantinzinho até o Araguaia em 1755, marcando-se assim o auge da riqueza de Traíras.

Nessa época foi fundado o Regimento da Milícia Civil de Tocantins de 1741 a 1755 pelo coronel Felix Caetano Araújo depois substituiu o Comandante Geral o Capitão Mor do Arraial de Traíras, João Velho Afonso que ficava também nesse Arraial, a Companhia de Cavalaria do Segundo Regimento da Companhia de Goiás, Corpo de Milícia do Alto Prestígio. Em 1750 existia a Confrataria do Santíssimo Sacramento da Igreja de Nossa Senhora Conceição de Traíras, que ganharia cinco mil cruzados para obtenção do pagamento e conclusão das obras da Capela Mores Matriz, na época a sociedade de Traíras possuía trinta e uma lavras de ouro e perto de mil e duzentos escravos. (Bertran, 2002)

O comércio do Julgado de Traíras era o segundo mais importante de todas as Capitanias e estava assim dividido:

- 1- Vinte e duas lojas de comércio Grosso que eram (tecidos, fumos, e importados em geral). (Bertran, 2002)
- 2- Nove armazéns de comestíveis secos e molhados que são os nossos supermercados nos dias de hoje.
- 3- Oitenta e quatro tavernas que vendiam desde produtos agrícolas até bebiads alcoólicas são os nossos famosos bares e botecos.
- 4- O Arraial de Traíras possuía 230 moradores livres.

Estrutura de Traíras Antigo de 1812 a 1824

Possuía um terreno baixo e contiguo ao Rio de Traíras. Tinha quinze ruas, duzentas e sete casas, algumas delas muito elegantes de belas fachadas deu-se o



nome de Traíras devido a grande quantidades desse peixe em seus ribeirões. Possuía também Traíras na época seus grandes monumentos e construções famosas na época e no Brasil Colonial.

Que eram Grande e monumental Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição cujo detalhe era o seu Púlpito e do altar de São José, em sua fase final de acabamento. Planta enviada a Lisboa em 1751 pela Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, pedindo ajuda Real para a conclusão da obra, o que de fato foi concedido. Por aquelas colunas retorcidas denominadas Salomônicas parece que o escultor foi o mesmo que trabalhou no altar dos Passo em Niquelândia, em parte das igrejas de Pirenópolis hoje intactas e tombadas ao contrário de Traíras a planta da arquitetura para os Arcos de Coro tinham um exagero de Rococó mostrando um belíssimo senso de proporções que permitiram inferir alguns fatos sobre o século XVIII em Goiás: a existência de um Coro e, portanto de músicos, de imagens e entalhes, portanto de artistas plásticos e finalmente de um hábil projetista que daria hoje um bom arquiteto ou engenheiro e também obras de famoso entalhador José de Carvalho, citado em 1751 em um documento do bispado de Uruaçu. (Bertan, 2002)

- 1- Igreja do Rosário com deus três altares.
- 2- Igreja do Senhor do Bom Fim.
- 3- Hospícios dos Religiosos Esmolers da Terra Santa.
- 4- A Praça do Arraial era espaçosa.
- 5- A Casa do Conselho Magnífica na época é pouco diferente da arquitetura de Goiás.
- 6- A Ponte do Rio Traíras é de madeira grande e alta, muito bem construída existiam mais três pontes pequenas.
- 7- Uma Companhia de Cavalaria do Segundo Regimento.
- 8- Uma Companhia de Infantaria.
- 9- Uma Companhia de Ordenança.
- 10- Uma Companhia de Henriques.

Como viviam as pessoas em Traíras

Tinham até então um mestre de primeiras letras pago pelo estado e outro que não recebia salário. Na ocasião tinha a Companhia da Infantaria dos Pardos, outros de Pretos, uma Cavalaria Miliciania e uma Ordenança, seus habitantes



não eram ricos, nem grandes lavradores ou criadores possuíam inúmeros vadios e também muitos homens honrados.

As mulheres eram educadas e poucos existiam que não sabiam ler e escrever, era da cabeça desse Arraial que vivia oito Arraiais. Os moradores são na maioria negros e mulatos, que também se encontram em sua grande maioria. Vivem, sobretudo, da mineração do ouro, o terreno é mal cultivado, em resultado não de boa índole, cortes e atenciosos. Possuía uma importante influência sobre os bons costumes direitos espirituais da comunidade, um digno sacerdote que oficia o serviço Divino com a devida compostura e orienta a doutrina e dá exemplo, que amado como pai pelos paroquianos.

Entretanto não é possível deixar de perceber certo grau de imoralidade desses negros e mulatos de ambos os sexos que são vistos em toda a parte com seus filhos gerados com as escravas. A cada domingo eram feitos casamentos de várias pessoas e sempre um ou outro dos nubentes eram filhos ilegítimos e nessa ocasião era declarado sem constrangimento e nome do pai ou da mãe, por fim a infidelidade tão habitual entre os homens, todos demonstravam grande ciúme a suas mulheres.

Mantinhm-nas guardadas, que justificavam os ditos populares “A mulher só deve ser levada a igreja três vezes em sua vida, uma para o batizado, para o casamento, e para o enterro”. O sexo feminino aqui envelhece muito rapidamente, seu vestuário, quando saem a rua, consiste numa longa sobreveste, sobre a qual é lançado um manto vermelho. As cabeças trazem um pano fino de musselina.

Os homens usam trajes europeus, mas o manto, aqui, é muito mais do que em outros lugares. (Bertran, 2002)

A alimentação geral consiste em feijão, farinha de milho, arroz, peixe seco (peixe fresco é raro), e frutas conservadas em açúcar. Importante em cada casa é plantada bananeiras, não somente como alimento dos habitantes, mas também pelo verde viçoso, como ornamento do povoado.

Nas plantações encontra-se especialmente:

- 1- Café
- 2- Cana de Açúcar
- 3- Mandioca
- 4- Milho
- 5- Feijão
- 6- Fumo

Também é costume o habitante da povoação a maior parte do tempo nas fazendas ou engenhos. Vem a aldeia nas grandes festas religiosas, para se mostrarem com



toda a pompa que ainda permite o seu empobrecimento. Com o decréscimo da produção do ouro, aumentando cada vez mais a penúria. (Bertran, 2002)

As doenças do julgado de Traíras

Existiam muitas doenças naquela época mais as principais citadas são:

- 1- A Sífilis, que neste clima é naturalmente mais difícil de suportar e curar, são bastante frequentes. Por desleixo ou tratamento mal feito, ele degenera em diferentes males entre eles a Elefantíase.
- 2- A Hidropisia e indisposições estomacais, mas não foi observado Cretinismo.
- 3- Febres Malignas (Sezões) intermitentes, febre gástrica inflamatória.
- 4- Queixume e lamentações eram de frequência assistidas.

Evidentemente dentro do que permitia a sua provisão de medicamentos, depois ainda, receitei-los, mas de limita-los aos remédios mais simples e mesmo muitas vezes não encontrados, e muito deles mandava buscar em Vila Boa. (Bertran, 2002)

A cura de remédios caseiros

Tomam a raiz de uma Simaber pela Bendiz Corumbá, tem o gosto amargo e é dada especialmente contra febre e contra desarranjo digestivo. A raiz amarga produz bom resultado.



Como curar a Hidropisia, que chamam de Albarão, tomam uma raiz de Simaber, que mesmo com febre intermitente, julgam-na de Scilla Marítima. Tomam uma pílula de amoníaco e quina e depois a infusão da raiz.

Tomam oitenta miligramas em mistura com aguardente, com grande êxito na febre intermitente, conserva ela o seu poder curativo, depois de um vomitório, antes do acesso a febre. (Bertran, 2002)

Festa do Espírito Santo

Segundo a tradição a origem da festa do Espírito Santo no interior de Goiás, se deu em Traíras. Que relata Dr. Johan Emanuel Pohl em 1800 a mais a mais de dois séculos em Traíras que hoje é chamada “Congada de Santa Efigênia de Niquelândia” que hoje é assunto para folcloristas e Antropólogos. Durante a nossa estada em Traíras, assistimos a vários solenidades religiosas, entre os quais a chamada Festa do Espírito Santo, que transcorreu normalmente, despertando muito entusiasmo entre os habitantes da Cidade. Desta vez caiu a sorte num dos moradores mais pobres de Traíras.

No dia dessa festa depois de celebrada a missa, o Imperador aproximou-se do altar, colocou-lhe uma coroa de folha seca nas cabeças e colocaram-lhe um cetro de madeira na mão, e o Imperador, ao rufar dos tambores, tendo à frente a bandeira do Espírito Santo, seguiu para casa acompanhado de grande multidão. Todos os acompanhantes da congregação levavam cajados dourados.

Chegando a casa, o Porta Bandeira imediatamente se ajoelhou e recebeu com toda a congregação o bem cão do imperador. Foram apostas as armas portuguesas à porta da casa e, com isso, terminou a solenidade. Quando o sorteio dessa dignidade indica uma pessoa pobre, que não possa custear as indispensáveis solenidades e tem o direito de, com música e a bandeira, sair e solicitar esmolas pelas fazendas e dessa maneira conseguir o necessário ou até mais.

Conta-se em Traíras uma história relacionada com essa festa, há vários anos foi sorteado um sujeito cuja a pobreza era quase total, mas apesar disso, ele aceitou com dignidade e, cheio de alegria, foi para casa. Sua mulher preocupada



do imperador (nessa festa também se elege um), onde um negro grita com voz alta e repetidamente "Bambi" e o coro em um só som gritaria responde "Domina". O que significa "O rei tudo governa".

Um dos instrumentos dos negros consiste em um bambu de quase um metro de comprimento, em que abrem ranhuras, sobre as quais se esfregam outro bambu no sentido do comprimento, para frente e para trás, o que produz um ruído característico, muito desagradável que os negros entretanto ouvem com o maior gosto. Usa ainda o tamborim, um grande instrumento quadrado de duas polegadas de espessura com couro distendido em ambos os lados cerca de vinte centímetro de lado, batido de madeira, o som assemelha a de um tambor delgado. Usam ainda instrumento redondo parecido com um tambor, de um pouco mais de trinta centímetros de comprimento e de quinze de diâmetro. É coberto por um pano, sobre o qual se toca levemente os dedos, tirando um som peculiar, profundo melancólico. (Bertran, 2002)

No domingo seguinte o imperador eleito, acompanhado da esposa e de dois tocadores de tambor, saiu de casa pedindo esmolas para a festa, à sua frente era conduzida uma pequena imagem da Santa, que era dada ao beijar aos transeuntes.

O rufar dos tambores, a cantoria e o barulho duram a noite inteira, até o romper do dia. No dia 23 de julho é celebrada a festa. A igreja, do lado de fora estava toda iluminada com luzes, e na praça aberta. São tão simples e criativos que por falta de dinheiro para comprarem o vidro, usam cascas de laranja esvaziadas de seu conteúdo, enche-se de azeite e coloca um pavio, e pronto está feita uma candeia.

Dentro da igreja, cantam e rezam, "Imperatriz" teve a gentileza de oferecer uns pratos de frutas em conserva, e mais tarde, pede para não ficar aborrecido por causa da gritaria dos negros noite adentro. Vários bandos de negros percorrem as ruas das onze da noite até o dia amanhecer. Gritarias e disparos de morteiros e espingardas, em todas as casas queimavam-se fogos de artifícios que ardiem no ar, mais tarde os brancos e mulatos entram na festa, somando-se ao barulho dos negros o som dos instrumentos dos europeus, ai tudo se mistura numa algazarra caótica e indescritível até o sol raiar e acaba o barulho.

No dia 24 de junho ao meio dia, reuniram-se os brancos na casa da imperatriz, onde mais cedo já se achavam todos os participantes da festa e o cortejo seguia para igreja. Abriram uns vinte negros com os seus instrumentos, estavam vestidos à moda do país e penas de avestruz enfeitavam suas cabeças.

Tinham as voltas do tronco casaquinho de veludo vermelho bordado a ouro e traziam nos braços correntes de ouro e joias, seguiram-nos os naturais brancos. Depois apareciam o príncipe negro e a princesa da festa, ele com uniforme português, ela em longo vestido branco, estava à imperatriz quase inteiramente coberta de joias, ambas levavam em uma das mãos um ramalhete e na sua outra um comprido junco com cascão de prata, vinha afinal à corte, em colorida mistura, vestida a moda do país.



Ao som da música, cantando e exclamando continuamente “Bambi Domina”, marchava para a igreja, com aspecto muito pitoresco, o cortejo fantástico, dançando à sua maneira, os negros que iam à frente. Um canto devagar e monótono acompanhava a dança em que eles cruzavam as pernas, estendendo-se para frente ou para trás, e curvando o corpo em diversas e estranhas contorções. (Bertran, 2002)

No interior da igreja, nos degraus do altar, estavam dispostos dois pálios para os monarcas do dia e dois tambores para o príncipe e para princesa. Ao penetrarem para a igreja, por entre grandes cerimônias, o padre aspergia lhes água benta e começava a missa cantada. De tempos em tempos essas altas autoridades eram incensadas. A música foi boa, acima da expectativa. No final da missa foram lidos diante do altar os nomes daqueles sobre os quais recaíra a sorte para exercerem a dignidade no ano seguinte. Os troncos e tambores foram postos imediatamente na igreja e, começaram a dançar e a cantar uma música africana. Ao terminar a dança, levantou-se o monarca negro e ordenou em voz alta que se comesse, com cantos e danças, a festa de Santa Efigênia.

Nesse momento surgiu um negro que representa o papel de general, e gritou, com muita ênfase com olhar feroz, que observara à distância de um estrangeiro suspeito, ao que o imperador ordenou que marchasse contra o inimigo e o enfrentasse, e para tanto pedia a proteção de Santa Efigênia nesse combate. Então, com o Cetro, concedeu ao general ajoelhado à sua frente. Este desembainhou a espada e, anunciado forasteiro. Todos os negros se precipitaram sobre ele e ameaçaram mata-lo. Ele ajoelha frente ao trono e pede audiência. Tranquilo declara ser um embaixador de um reino muito longe e que não veio com intenções de provocar rebeliões e hostilidade, mas que seu rei soubera que neste país se celebrava a festa de Santa Efigênia e por isso o enviara para participar da solenidade. O pedido é deferido. São iniciados os cantos e as danças, o imperador com o Cetro concede a benção ao vassalo ajoelhado, Santa Efigênia é invocada várias vezes e, ao ecoar dos cantos e danças e as mesmas solenidades de entrada, efetua-se saída. Chegando a casa, os dignitários ainda festejam o dia com um banquete em que as principais personagens passam a ser feijão e aguardente de cana.

Depois da refeição, o mesmo cortejo visita todas as pessoas importantes da cidade e repete e já descrita representação pelo que se costuma receber uma contribuição. A mim também coube essa distinção, porém não me encontrarem casa, eu me achava à visita do vigário, para onde se dirigiu o cortejo, repetindo a cena diante de mim e recebendo a minha dádiva. (Bertran, 2002)

Decadência de Traíras



Isolada do outro lado de Trás da Serra, Traíras foi-se esvaziando gradativamente de suas famílias. Os Coelhos Fleury foram para Meia Ponte, parte dos Álvares para Jaraguá, os Ramos e os Leal para Antas (Anápolis), parte dos Renovo para Porangatu, os Aranha para Porto Nacional, os povos Freitas Machado para Itaberaí. Começava a maior diáspora da história de Goiás. A diáspora de Traíras precipitou-se creio, sobretudo, sobre a fértil Zona do Mato Grosso Goiano. Os ataques dos indígenas contribuíram para a diáspora Trairana, há que se considerar o brutal empobrecimento dos raros solos férteis da Região, depois de um século forte exploração agrícola, como vimos informes da “Notícia Geral da Capitania de Goiás em 1783.

Depois da criação do município de São José, somente impediu mais acelerada decadência de Traíras seu comandante geral (inclusive de São José), Turrão Coronel Antônio Álvares da Silva, recusou-se mudar para Niquelândia. Assim numa transição lenta e gradual, a cidade de Niquelândia preparava-se para assumir o controle de toda a região do antigo Julgado de Traíras. Em 1821 se encontrava ali o vigário Thomas Pinto Adorno França (1821-1847), que veio a ser o primeiro Presidente da Câmara Municipal de São José, coadjuvado pelo padre Manuel de Souza Moreira, jogando por fora os Josefinos Capitão Antônio Nicolau da Silva que exercitava seu poder na Guarda Municipal.

Em 1830 Traíras viviam seus últimos vestígios da glória. Comemorando a abdicação de D. Pedro I e a regência da minoridade do futuro Pedro II, fez-se uma festa em Traíras na casa do Juiz Aranha, com a declaração de um hino do Capitão Francisco Mendes Ribeiro, e quadros poéticos em louvor poéticos em louvor a D. Pedro II, em cortejo sonoro pelas ruas. (Bertran, 2002)

De fato, nesta altura, D. Pedro I e os portugueses nativos eram fartamente odiados no Brasil. Por essa época foi assassinado em Flores o ouvidor do Norte, o português Jerônimo da Silva e Castro. Circulavam rumores em Traíras, vindo do “Sertão de Caitité”, de que o governo mandara assassinar todos os portugueses. Atento a esse absurdo, o juiz Manuel Ribeiro da Silva Aranha manda prender dois amotinadores que na Chapada do Bonito (Mimoso) queria liquidar um apavorado português.

Assim, após a abdicação de D. Pedro I, continuando as festividades a que nos referimos atrás, “No dia seguinte, de mãos dadas, o vigário Pizarro, o coronel Antônio Álvares da Silva e o juiz Aranha, ouvem na igreja da Conceição de Traíras”. A noite houve festa na casa do coronel Álvares, “Aonde harmoniosamente se cantou vários coretos e se recitaram várias obras poéticas”. Fora desse quadro, a realidade da decadência capital era menos brilhante e muito mais perigosa. Os índios vinham aumentando suas excursões guerreiras.

Em 1830 sequestraram dois rapazes nas proximidades de São José, onde se ouviam as buzinas dos Avas-Canoeiros. Em 1833 mais de sessenta fazendas destruídas pelos Tapuios, morte de patrulha da guarda. Na data de 1832 comemoram em Traíras a eleição dos novos comandos das quatro companhias da



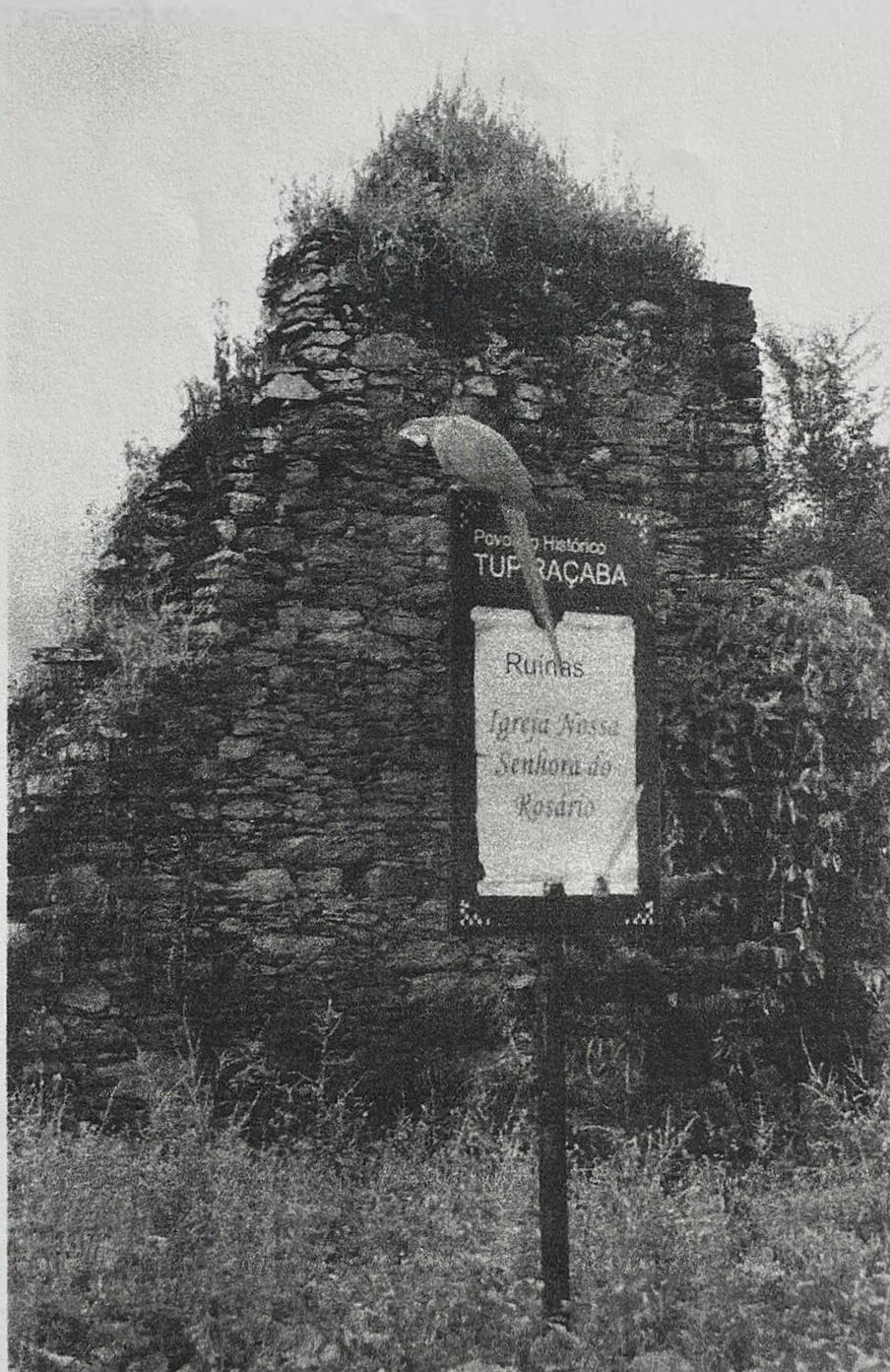
Guarda Nacional dos municípios, totalizando 441 homens. No dia seguinte Traíras tinha a frente de suas quatro companhias, quatro cidadãos de São José. Assim a gestão para autonomia política de São José se consolidava pacificamente, não havendo necessidade de recursos e força. Em 1833, quebrara-se por dentro o poder político de Traíras, e sua população já dispersa para São José e outros Arraias da Província.

Assim em 1º de abril de 1833, atendendo ao disposto no decreto imperial de treze de dezembro de 1832, o Conselho Administrativo do Governo da Província de Goiás concede vida política própria aos antigos arraias e entre eles finalmente São José do Tocantins. Essa Resolução, embora referente a reunião do Conselho do 1º de abril, só tornou pública a dois de abril de 1833.

Vinha o decreto regularizar situações de fato, mas profundamente modificadas estruturas de povoamento que se seguiram à decadência dos Arraias Auríferos, onde novos povoados tinham entravadas suas vidas públicas e nome das antigas e obsoletas repartições territoriais do período colonial. Surgia, então, São José do Tocantins como corpo político próprio, independente de Traíras. (Bertran, 2002)



RUÍNAS DA IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.



RUINA DA CASA DA CÂMARA E CADEIA DO TRAÍRAS

Do belo edifício assombrado resta hoje uma coluna de pedras.

Foi incendiado em 1910

Fato é que no incêndio da cadeia de Traíras, desapareceram para sempre os livros e documentos da câmara do velho julgado, perda esta irreparável para nossas fontes de história.



RUÍNA DA CASA DA CÂMARA E CADEIA DO TRAÍRAS

Do belo edifício assombrado resta hoje uma coluna de pedras.

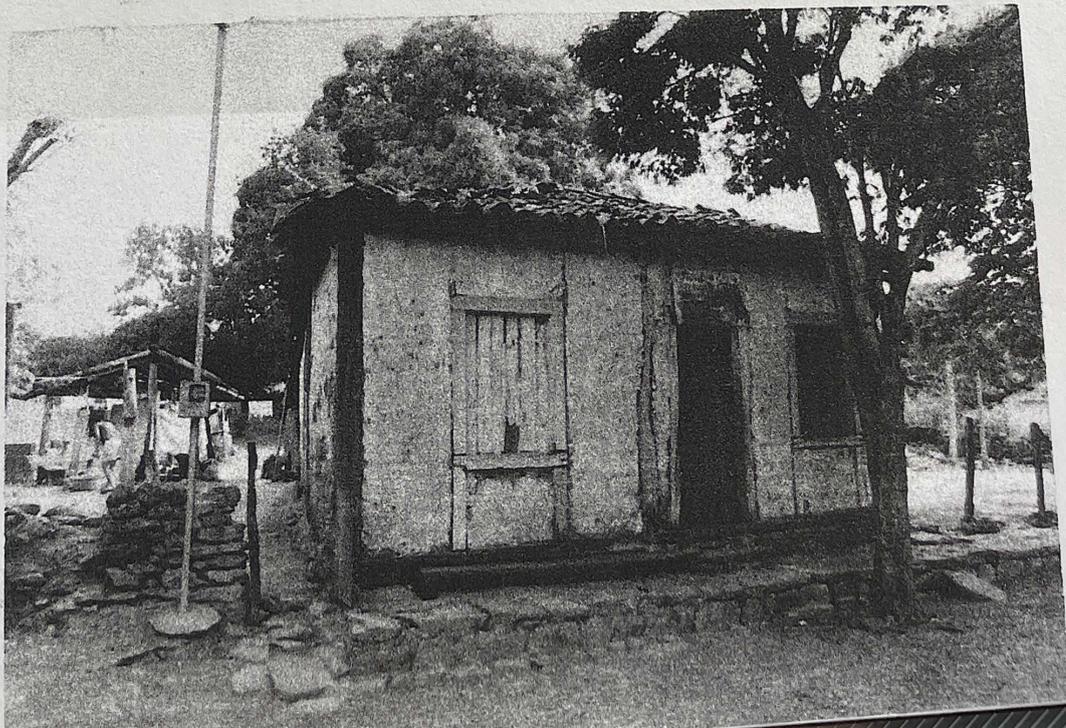
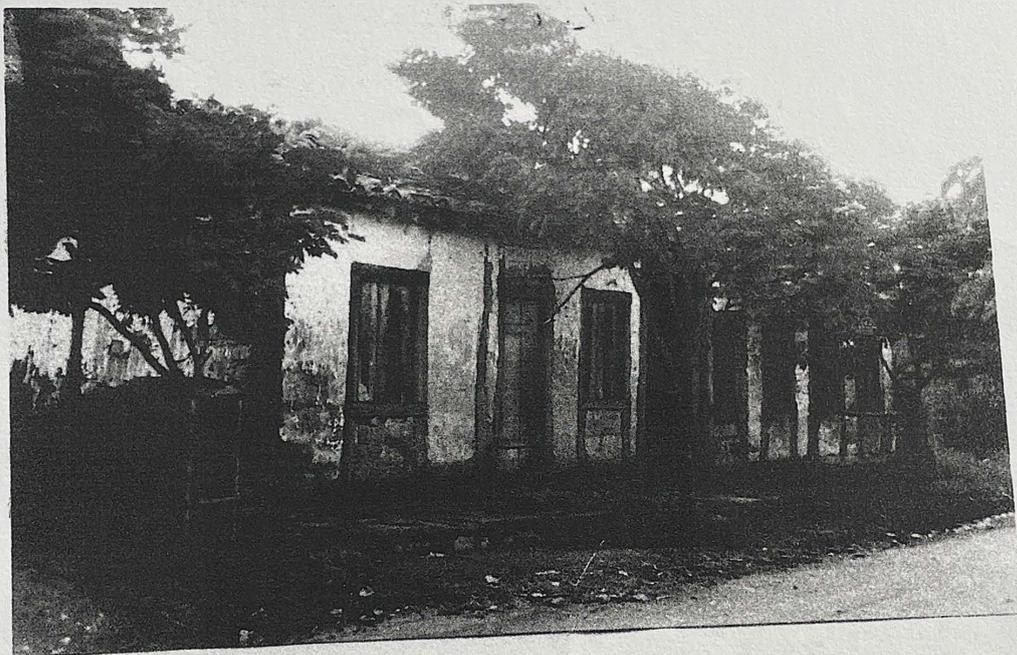
Foi incendiado em 1910

Fato é que no incêndio da cadeia de Traíras, desapareceram para sempre os livros e documentos da câmara do velho julgado, perda esta irreparável para nossas fontes de história.



RUÍNAS DO CARTÓRIO CIVIL DE TUPIRAÇABA (TRAÍRAS)

Em data de 12 de setembro de 1890, foi aberto este Cartório de Registro Civil: nascimento, casamento e óbito, neste distrito de Traíras.



RUÍNAS DA IGREJA DE NOSSA SR^a. DO ROSÁRIO DO TRAIRAS

A igreja possuía três altares, sendo um deles da irmandade de Santa Efigênia.

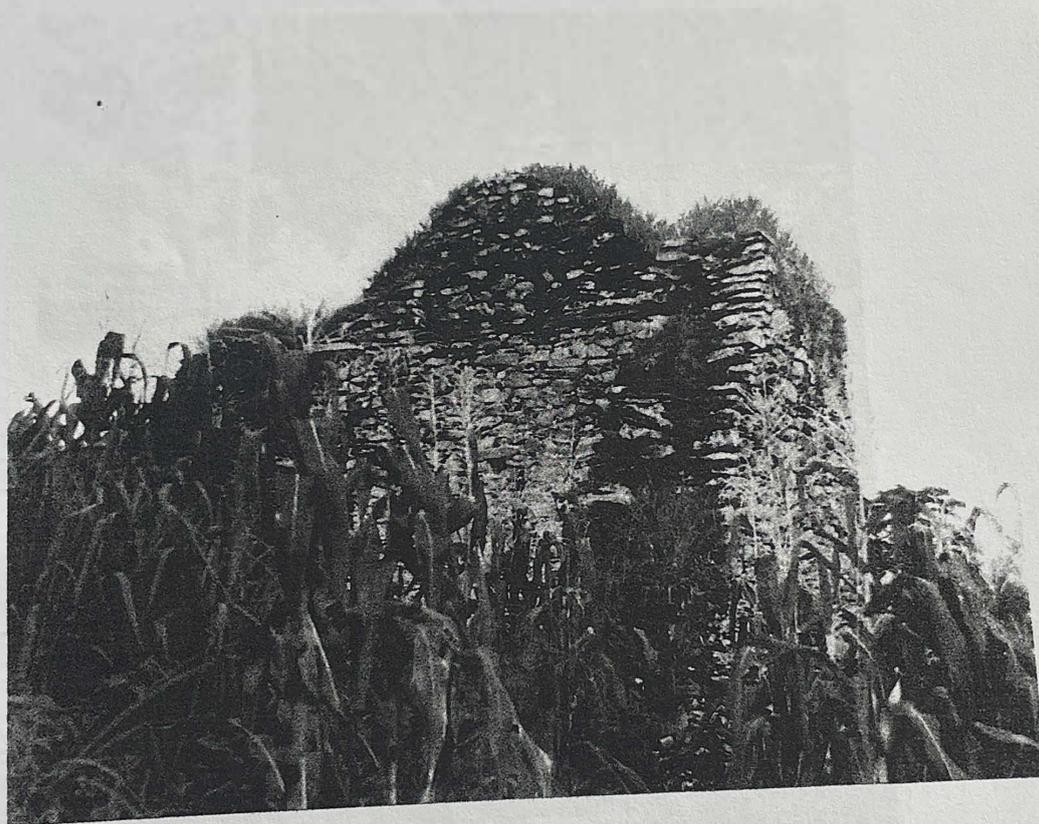
Ela pertencia ao negros livres

Foi tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e dela hoje só restam ruínas.



RUÍNAS DA IGREJA DE NOSSA SRA. DA CONCEIÇÃO DO TRAÍRAS

A igreja tinha sete altares e os cronista da época consideravam-na de excelente construção e provida de preciosas alfaias (imagens, castiçais, cálices e etc).



**CASA DA
FUNDIÇÃO.**



PROTOCOLO DE ASSINATURA(S)

O documento acima foi assinado eletronicamente e pode ser acessado no endereço <https://alegodigital.al.go.leg.br/autenticidade> utilizando o identificador 32003100380038003100350033003A005000

Assinado eletronicamente por **JULIO PINA NETO** em 29/02/2024 13:16

Checksum: **098730934DD57FD438EC5588A7A0C8E873372E91337FEDF73B7637786698BBC3**

